

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade do Lyceu Guiabano

REDACTOR CHEFE:—Benjamin D. Monteiro

COLLABORADORES:—Diversos

Publicação quinzenal—Redacção: Rua Joaquim Murinho 169

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

N.º 19

Cuiabá, 16 de Abril de 1927.

ANNO I

JESUS

A liturgia catholica reveste-se de luto para commemorar solennemente a morte do Homen Deus.

Não é raro ver-se a imprensa engalanar-se com todas as elegancias da phrase que a rethorica pôde offerecer, para commemorar o natalicio dos homens dagora ou a morte daquelles que já se foram.

Entretanto, como é tão esquecida a scena do Calvario?

Como são poucos os homens que deixando de lado as cousas terrenas recordam com lagrimas o desaparecimento do nosso Salvador e que deploram a loucura de um povo, que sedento de sangue e vingança, reservou ao enves do perdão o martyrio, do amor o odio da gloria a morte para aquelle que lhe trouxera palavras de vida, de perdão, de misericordia e que remira com seu sangue os peccados dos homens!..

Mas que importa o esquecimento do mundo se Christo continua a viver... adorado na choupana dos justos ou disfarçado nas vestes rotas dos pobres.

E a cruz que uma raça maldita, alçou para elle no Calvario, lá, embora invisivel, existe ainda, guardada pela maldade sempre constante dos homens.

A sêde tambem, que atormentava a Jesus nos seus derraideiros momentos Elle ainda a tem; os homens modernos com todos os progressos do seculo não comprehendem, ou ainda não quizeram comprehender como os abrutecidos romanos doutroa, que a sêde de Jesus não é da mistura de myrrha e fel que o banquete da perversidade humana o condemna ainda a beber.

A sua sêde era de amor de justiça e de misericordia.

Onde estavam, então, os nubes de Chanaan que não trouxeram aquelle mesmo vinho delicioso que Jesus lhes mimoseou nos seus dias de nupcias?

Onde estavam os apóstolos que não dessendentaram o seu Mestre com o vinho que Elle lhes offerecera na Ceia?

Onde estavam aquelles que resuscitara, os alejados que fizera andar, os enfermos que curara, que não vieram trazer reconhecimento ao seu bemfeitor as aguas crystalinas das torrentes Galileas?

Christo parecia estar sosinho na terra; uma plebe ululante e sanguiescenda o rodeava.

Não teve direito nem a um remedio que minorasse as dores do seu corpo nem a uma palavra amiga que consolasse o desespero do seu espirito.

Entretanto longe da cruz, receiosos duma violencia daquella malta estúpida, lá estavam Maria, sua mãe, Madaglena... que contemplavam o Deus crucificado.

E seu Pae do Alto ainda velava por Elle.

O seu corpo combalido, cahira tres vezes ao peso da cruz; gottejava-lhe das cicatrizes o sangue puro dos innocentes; a palidez marmorea dera-lhe a apparencia de um cadaver vivo.

A clemencia, o amor e o verdadeiro altruismo que Christo sempre dispensou aquelle seu povo ingrato e infeliz Elle os confirmara na scena comovedora do Calvario em que recebia em retribuição aos favores e milagres, uma cruz ladeada por duas outras, crucificadoras de dois infames ladrões.

E Elle do lenho verde que immortalisara o Golgotha deixa escapar dos seus labios enves de um natural gesto de colera de uma blasphemia ou revolta, em desagravo aos uivos da soldadesca sclerada e insultos de

uma multidão ingrata e inconsciente, a prece, que rezava sob o ceu negro de sexta-feira chegara atravez dos espaços até o Reino do Senhor donde se espalhou por todo o Universo e donde sahiria por toda a Eternidade: "Pae perdoa-lhes porque não sabem o que fazem."

O MENTIROSO

II

Um inimigo da Patria

Prosigamos, caros leitores, a nossa palestra sobre a nocividade do mentiroso, personagem esdruxula que representa um espécime maldado do genero humano, pois, elle podendo viver no plano reservado ao animal superior, deixa-se conduzir pelo nefasto vicio da mentira, cahindo, por isso, na degradação moral que o arrasta para o lodaçal putrido, onde predomina o miasma, se enrosca a traçoira serpente e rasteja o homem condemnado pelo conceito social..

Não nos occuparemos em mencionar aqui os milhares de más qualidades que formam negro cortejo ao mentiroso na sua marcha para o ostracismo, levando, a par de sua bagagem de ignomias, a funerea nota de ter sido sentenciado, principalmente, por enxovalhar aquillo que merece credito e veneração, com o intuito de satisfazer seus sentimentos egoistas e alimentar o cancro da hypocrisia que lhe perverte a alma.

Entretanto, desenvolvendo o programma do nosso jornal, assinalaremos que o mentiroso é um inimigo da propria Patria, porque tanto na paz como na guerra, lhe causa prejuizos de elevada monta e lugubres consequencias.

Na paz, o mentiroso, á semelhança dos germes parasitarios, entibia, com seu contacto, a alma da criança, tira-lhe as vestes mo- raes e lhe entrega exemplos de torpes costumes, ensinando-a, assim, a ser amanhã um homem sêm a devida compostura moral e civica e, portanto, mau soldado, de cuja bayoneta a Patria nada pode esperar.

Na guerra, o mentiroso, não possuindo valor militar que só pode ser inspirado na pratica habitual de sãs virtudes é um soldado imprestavel e prejudicial, porque alem de não merecer a confiança de seus irmãos d'ar- mas, é a boca propagadora das falsas noticias, que infundem pavor nos acampamentos e sobre- saltam lares, sob cujo tecto re- pousam familias consternadas pela partida daquelles que tra- balham no campo de lucta.

O mentiroso, na paz, não se cõra ao representar na mais deshonrosa comedia, na guerra, é capaz de vender a victoria ao inimigo, pois, elle vilipendia as paginas d'oiro traçadas pela pen- na ou pela espada daquelles que foram, são e serão filhos eternamente dignos de sua Patria.

Do mentiroso, desse inimigo da Patria, só podem dimanar accões congeneres das de Ephi- altes, Silverio Reis, Calabar e outros, cujos nomes perpetuados no bronze da Historia, attestam altiloquentemente a corrupção gerada no espirito humano por influencia de certos individuos (o mentiroso é um delies) que com seu rachitismo de caracter contribuem, sobremaneira, tanto para a infelicidade de um povo que trabalha no remanso da paz, como tambem para a desgraça de uma Patria que se vê a braços com dolorosa guerra. O vicio inqualificavel que mancha a alma e vida do mentiroso, o desti- tue do brio necessario para resistir e vencer as durezas da sorte, tornando-o um preguiçoso, um cidadão sem merito, incapaz de prestar serviços á Patria, indigno de ser recommendado á amizade, de nossa familia e da sociedade. O mentiroso não se portando á altura de ser premi- ado sequer com passageira ami- zade e sendo inutil e nocivo á Patria, deve ser atirado no des- prezo, unico ambiente compati- vel com a especie a que pertence um individuo maligno, troca- tintas, cheio de asquerosidade e falho em caracter, em honra e em patriotismo.

Abril—1927.

B. Cunha.

BRASIL!

Oh Brasil patria minha es- tremecida!

A natureza foi prodiga para contigo sob todos os pontos. O teu ceu azul sem mancha cantado pelos melhores poe- tas, não tem rival; a tua flora apresenta os mais variados matizes elegantes palmeiras, excitando a ser estudada por diversos naturalistas entre os quaes o professor Luiz Agas- siz. Em teu seio encerras as mais ricas minas que são o thesouro dos teus filhos, e do teu solo uberimo brotam multiplicadas as sementes lan- çadas.

Haverá outra terra como esta?

Creio que não. Trez exten- sas cordilheiras cortam este paiz e dão origem a rios im- portantes como o Amazonas, o maior em volume de agua, o S. Francisco, em cujo leito se encontra a historica cachoeira de Paulo Afonso. Na sua fau- na encontram-se variadas es- pecies de passaros que com os seus harmoniosos cantos, fasci- nam, seduzem, como dizia Gonçalves Dias, a respeito do nosso sabiá.

Encontram-se tambem mui- tos outros animaes, como: lo- bos, onça pintada, onça preta, etc.

As suas florestas apresen- tam optimas madeiras de construcção, de marcenaria, tinturaria, entre as quaes no- tam-se o jacarandá, aroeira, páo brasil, sobretudo a mas- sarandúba, que é uma arvore, cuja casca contém um leite que se aproveita como o de vacca.

Ha plantas medicinaes co- mo: ipecacuanha, jalapa, sal- saparrilha, guaraná e outras.

Nas suas florestas encon- tram-se cipós e trepadeiras que se entrelaçam formando verdadeiras redes.

Uma terra como esta é di- gna que os seus filhos se es-

forcem para colloca-la em pri- meiro lugar, como a rainha das outras.

Cuiabá, 4 de Abril de 1927.

Luiz Vaz de Campos.

Um jury de Aldêa

Ao galante Novis

Houve em uma dessas cida- des do interior um jury sensa- cional no qual foi julgado um patricida, um jovem ainda, mas que tinha velho no seu coração odio e rancor que vo- tava a seu pae. Este era um homem que cuidava mais de sua alma, não poupando es- forços para socorrer os po- bres.

Entretanto era extremamen- te ávaro, chegando a não dar ao filho, o pagamento de seu trabalho, para, farrista como poucos, gozal-os nos cafés da cidade.

Esperar a morte de seu pae para herdar o que lhe pertencia era cousa que não consolava o seu espirito irrequieto e am- bicioso. E assim maldosa- mente assassinou o.

O seu julgamento era an- ciosamente por todos espe- rado.

No dia do jury o salão re- gorgitava.

Tanto a promotoria como a defesa era occupada por advo- gados de pulsos.

Foi dada a palavra ao re- presentante do Ministerio Pu- blico.

Um silencio respeitoso do- minou aquelle recinto.

E o orador fallou:

Parece até extranho que a minha voz se faça ouvir nesta sessão, ante tão selecto audi- torio para condemnar um cri- me que de nenhuma maneira se justifica e que tão raras ve- zes, para honra nossa, se tem debatido neste Tribunal de Jury.

Ante vós, srs. jurados, ten- des um patricida, um filho de- generado e perverso que seden- to de vingança e com o mi-

crobio do crime nalma, não hesitou, após longos dias de meditação, em desfechar contra seu pae o tiro, que se reserva aos bandidos, procurando assassinar-o traiçoeiramente, para que elle não soubesse que lhe dava a morte aquelle mesmo a quem elle dera a vida.

Quem não contempla revoltado a physionomia desse réo onde não se lê nem uma linha de arrependimento, antes se percebe o sorriso sarcástico com que antevê o ouro de seu pae brilhar-lhe nas suas mãos criminosas.

Esse judas redivivo ficará pois, condemnado a chorar no carcere, essas mesmas lagrimas de sangue e de dôr que os corações de sua mãe e irmãos derramam, porque o remorso ha de carcoimer impiedosamente a sua consciencia, que lhe repetirá continuamente o crime que em vão procurará adormecel-o.

Lá fóra o trovão rugia furioso, enchendo a terra de pavor enquanto que o vento fazia as arvores rangerem fortemente.

As nuvens negras escureciam o céu e a terra.

Os jurados e assistentes meio suspensos nas cadeiras tinham os cabellos eriçados e a apparencia de espanto, parecendo aguardarem um desenlace fatal.

E o advogado continuando:

A victima, o pae do réo que se assenta nesse mocho, ha de estar bem perto deste recinto ansioso pelo resultado desta sessão, e seguirá qual phantasma aquelles que quizerem absolver o réo que tingiu a sua mão do sangue paterno, que introduziu a desgraça num lar venturoso e qual espectro velará nas suas noites de insomnia a recordar-lhes a funesta scena de sua morte e a tingir-lhes as mãos do sangue que a bala sicaria de seu filho lhe fizera derramar.

Neste momento o vento ati-

ra pela janella a dentro um lençol que, talvez esquivado, seccava em um quintal visinho.

E a defeza perspicaz acrescentou com emphase: Está ali elle.

Não sei se constituia a mesa dos jurados alguns espiritas: o certo é que não se sabe quem deu o signal de partida.

O réo também tivera medo... e fugiu...

Oswaldo.

21 de Abril

Um dia de Abril alyorecia, alegre, e sorridente, em choicante contraste com o estado d'alma d'aquelle que, na humida frialdade de um carcere, esperava a morte degradante do patibulo.

Eram onze horas. Na praça da Lampadosa o carrasco só esperava a voz de execução. Soam os clarins, ruilam os tambores e as patas nervosas dos corceis da guarda, ferem com estrepito as pedras: é o Vice-rei que chega acompanhado de sua côrte.

Lá de cima do patibulo ouve-se o ranger das roldanas. E' chegada a hora «Um grito immenso ou antes, um gemido surdo, roquenho e prolongado, irrompeu da multidão e foi abafado pelo rullo dos tambores.»

E lá pendurado pela corda fatidica, balança o corpo de mais um martyr. E perante o altar augusto da Patria, mais uma victima se immola pela sua Independencia. E pendurado, no cadafalso da tyrannia, a liberdade de um povo e a felicidade de uma Nação...

* * *

Um seculo e meio, quasi são passados.

Já não se nos afigura mais a figura a maldição do cadafalso.

Aquella mesma gentalha que applaudia, na praça da Lampadosa, o Vice-rei, hoje, em massa, na Praça Tiraden-

tes, depõe flores junto a estatua do maior dos nossos martyres...

Pulcherio Filho.

Rabiscando.

Nessa hora de recordações e melancolia em que a alma soanhadora do poeta escuta as melodias sagradas que os anjos do Senhor vem espalhar sobre as turbas soffredoras para consolação passageira dos seus tormentos, Vieira escutava o murmuro da floresta, poesia sagrada, cujos versos são derradeiros suspiros de selvícolas perdidos no recondito dos bosques e a música eternal da natureza.

O rio rolava cantando, soluçante os martyrios heroicos d'uma raça de gigantes e offerecia aos indios a paz eterna da sepultura, desejado final dos seus tormentos. Não lavara acaso o sangue do martyr do Calvario da fronte austera do servicôla a mancha negra da servidão e do peccado?...

Trasiam sobre a fronte o traço indelével da liberdade e Vieira era propheta, que pregava a redempção do escravo vermelho e trasia ás terras do Novo Mundo a luz da verdade dos evangelhos!...

Atroz soffrimento, o dos indigenas, e Vieira compartilhava as suas dôres...

Immensa era a dôr, que devorava os dias do propheta annunciador da liberdade nas selvas brasileiras e elle era feliz.

Felizes os apostolos de Vieira que morreram na jornada sacrosanta da liberdade dos nossos servicôlos.

"Gloria ao padre imortal que preferiu as agruras dum apostolado entre selvagens, endemias e animaes subtis e ferozes, no meio d'uma immensidade desconhecida e aggressiva, ao conchecho dum convento ou d'uma parochia de burgo!

Gloria ao patrono da nossa raça e da nossa lingua!"

A. Molina.

S. Maria Magdalena.

Nascera na Galiléa, em Magdala.

Myriam eram o nome que lhe dera sua mãe, ao entrar no mundo, e Magdalena, os pagãos. Era pallida como marmore,

A CHRYSALLIDA

triste como um gemido e fria como um gelo. O seu rosto de albedo luar e os seus olhos dumha nesga de céu constellado formavam uma admiravel divergencia, cuja tradiçao chegou até nós nas pinturas romanas e nos celebrados escriptos. Para seus maiores encantos tinha as cabelleiras d'oiro que lhes cahiam nos hombros esculpturaes e marfineos... hoje cortadas sem piedadel. Era linda, muunto linda. Tinha o aspecto mysterioso das Andaluzas... Recitava com candura divina e enthusiasmo sublime as estrophes d'uma epopéa. Mas foi, no sentido perfeito da palavra, uma miseravel peccadora! Parecia uma Venus marinha no oceano gigantesco da devassidão, cujas ondas serenas têm o seu mortifero perigo.

O que seria do mundo se tudo traduzisse em orgias e paixões mundanas?!

Ah! esta vida é um sonho que nos leva ao seio da morte! Nada tem duração eterna, tudo é passageiro. Não façamos a nossa condemnação. «Ah, se os homens de hoje pensassem um momento na terrivel palavra—depois?!»

Perdoada pelo proprio Jesus nunca mais o deixou, nunca mais... Subiu a montanha do Calvario e em gritos de dôr assistiu seu derradeiro suspiro. Prostrada ao topo da cruz, orava e contemplava o cadaver de Jesus. Acompanhou-o ao sepulchro, orou sobre elle, e retirou-se desfallecida a gemer suas dôres e a chorar suas saudades.

Trez dias vagava desconsolada pelo chão do Calvario; ia orar e imprimir na frialdade da lousa, no cadaver querido o delirio de mil beijos. Qual não fôra o seu espanto ao ver o sarcophago aberto e vazio! Ah! exclamou ella com a voz eterneçada:—Tiraram d'aqui o corpo de meu divino Senhor!

Eis que uma voz, cheia de blandicia mysteriosa, a fizera chorar de alegria e estremecer de pavor:—«Maria, vae annunciar aos apóstolos a minha ressurreição. E desapareceu. Era Jesus, o pae dos desgraçados!»

O. B.

A Chrysallida Social

Dr. Metello Sobrinho

Foi para nós dia de verdadeiro jubilo a data de 3 do corrente

pela passagem do natalicio do Dr. Metello Sobrinho, competente professor do Lyceu Cuyabano.

Dr. Leonidas Mendes

Transcorreu a 4 do corrente a data genethliaca do nosso estimado professor Dr. Leonidas Mendes, que occupa com reconhecida capacidade a cadeira de Desenho no Lyceu Cuyabano.

Festejou o seu anniversario no dia 12 do corrente, o intelligente alumno do 5.º anno do Lyceu, José Coelho, que foi alvo por esse motivo, de innumeradas felicitações dos seus collegas.

«A Chrysallida» enviando o seu cordial abraço de felicitações aos illustres anniversariantes pede a Deus que essas datas se prolonguem ad multos annos

Fallecimento

Falleceu no dia 10 do corrente o pequeno José filho extremecido do prof. Joaquim Marques.

«A Chrysallida» envia á familia enlutada os votos de sincero pesar.

«União Civica»

Enriquece a nossa Redacção mais o opúsculo «União Civica» que, escripto em são linguagem literaria, encerra no seu programma de verdadeiro patriotismo, a esperanza de um Brasil forte, unido e progressista.

Recommendamos, portanto, a sua leitura aos homens bem intencionados e á mocidade patriota, que terão ás suas ordens, nesta Redacção, o referido livro, e, estamos certo, que com a pratica das doutrinas nelle expendidas, veremos em realidade essa mesma phantasia que illudira a Floriano ao mudarmos de forma de governo:

«Não era esta a Republica que eu sonhara».

Recebemos do Dr. Arthur Levy uma attenciosa missiva convidando-nos para uma reunião na séde da Usina Hydraulica onde foram tratados importantes assumptos concernentes á luz electrica em Cuyabá.

O illustre Inspector de Luz explicou com palavras claras e concisas o objectivo daquella reunião em que se deveria solucionar o melhoramento da luz publica.

Duas hypotheses foram apresentadas:—a substituição da Usina geradora por uma outra mais possante ou a redução das installações, devendo serem cortadas as que foram feitas anteriormente.

A primeira hypothese não se justifica, pois sendo mais dispendiosa, virá prejudicar os serviços já iniciados no rio da Casca.

A segunda, entretanto, que obedecerá um criterio justo e imparcial, que bem caracteriza a pessoa do illustre Inspector, deverá ter o apoio de todos os cuyabanos, posto que essa medida intelligente, visa o interesse da collectividade.

QUESTÕES.

Reabertas as aulas do Lyceu, iniciamos hoje a formulação algumas perguntas, sendo desta vez dirigidas aos quartanistas.

- 1) Por que razão se escreveu «A observação e o estudo preenche o resto».
- 2) Como se deve escrever: Neste, n'isso, neste, naquello, n'um, n'uma; ou neste, nisso, nesta, naquelle, num, numo?
- 3) Explicar quando é que se empregam as seg.^{tes} palavras: secção, sessão, cessão, secessão e cessação.

Luiz de Camoes, exilado, preso, salteado pela desventura, sentiu que a patria lhe fugia de sob os pés...

A guerra desfigura-o, mas volta em busca de guerra, ou quem sabe mesmo si da patria.

Saltem-lhe a frente, o exilio as prisões... mas que importa?

Sua alma bussola teimosa, se volta para o polo da patria com a insistencia de um fanatismo. Mas quando sahü daquelle Pantheon de glorias e triumphos: ao descer daquelle Sinai onde a immortalidade espera o heroismo, Camões trouxera as taboas de um decalogo immortal, os dez cantos de seus Luziadas...

Est.

Impresso na TYP. CALHA'O
—Rua Barão de Melgaço 153.